

RESENHA DE LIVRO

SEXUALIDADE DO PRAZER AO SOFRER.

Ana Cristina Canosa Gonçalves¹

DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite (Orgs). **Sexualidade do prazer ao sofrer**. São Paulo: Editora Roca/Grupo GEN, 2013. 1ª edição. ISBN: 8541201732. p.728

O título desta obra foi concebido pelas organizadoras Alessandra Diehl e Denise Leite Vieira com o intuito de retratar seu conteúdo ao focar a sexualidade humana em seus aspectos mais abrangentes e que englobam desde questões mais frequentes e contraditórias relacionadas ao desenvolvimento esperado para determinados ciclos da vida, assim como aqueles concernentes à saúde sexual e prazerosa do desenvolvimento psicosssexual humano até aquelas situações que envolvem os transtornos da sexualidade propriamente ditos e podem eventualmente causar sofrimento, prejuízo e dor à pessoa ou à parceria sexual.

O livro contou com a participação de vários experts nacionais em suas áreas de atuação e/ou pesquisa científica, englobando temas atuais relacionados à sexualidade humana, de forma a ampliar a discussão, compilar o conhecimento sobre o tema e atualizar o leitor sobre as novidades nesta área do saber de forma didática e, sobretudo, à luz da melhor evidência científica disponível atualmente.

Ao todo são 30 capítulos, com prefácio do grande mestre Dr. Ricardo Cavalcanti. A obra contempla inicialmente a história da sexualidade com os mais relevantes marcos do passado ao presen-

te. Nesta observação ao longo da história, observa-se a importante influência da cultura, da religião, da política e da economia a moldar certos comportamentos relacionados à sexualidade. Dentre eles a relação de poder dentro do papel de gênero e a figura secundária da mulher e do feminino ao homem ou o masculino ao longo da evolução das sociedades.

Os ciclos vitais ganharam importante destaque nesta obra, em quatro capítulos: infância, adolescência, adultez e a terceira idade. Em cada fase, tanto as vulnerabilidades quanto as particularidades e as vicissitudes de cada fase do desenvolvimento humano é explorada em profundidade dentro de visões psicanalíticas e comportamentais da sexualidade.

Outro tema que não deixa de ser atual, estando nas pautas dos movimentos sociais em vários locais do mundo são as questões que envolvem a orientação sexual enquanto direção do desejo amoroso e sexual de uma pessoa pela outra, dentro da perspectiva de um espectro de possibilidades como já havia sinalizado o biólogo Alfred Kinsey na década de 1950. Dentro deste cenário também são enfatizadas a homossexualidade dentro de uma perspectiva histórica, cultural e política no Brasil e

1. Psicóloga especialista em Educação e Terapia Sexual pela Faculdade de Medicina do ABC/Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. Diretora-editora da SBRASH. e-mail: acanosa@uol.com.br

no mundo e as pesquisas recentes sobre transexualidade na infância e em adultos, a homofobia e o impacto das novas políticas de direitos sexuais.

O abuso de álcool e outras drogas e a sua relação com a sexualidade também é assunto abordado em um dos capítulos do livro. Cabe destacar a droga maconha, a qual vem sendo alvo de constantes polêmicas e disputas na atualidade pela legalização. No que se refere à participação dela na sexualidade muito se fala popularmente sobre os supostos “poderes afrodisíacos” da maconha na questão sexual. Parece existir “um mito” associado à capacidade da droga de aumentar a libido, prolongar o orgasmo e favorecer o encontro sexual. Não se sabe ao certo se estes efeitos seriam dose-dependentes ou não. Verdade, no entanto, é que pouca literatura científica tem sido produzida envolvendo a associação do uso/abuso e dependência de maconha com temas vinculados a sexualidade humana. Os autores discutem esta droga e muitas outras como a cocaína, a metanfetamina, álcool, tabaco e tantas outras nas questões que envolvem comportamentos sexuais.

Outro capítulo interessante é aquele que enfoca os medicamentos psicotrópicos e os seus efeitos colaterais na esfera sexual. Tal informação é bastante útil para profissionais que atuam na área da sexologia clínica, uma vez que a grande maioria desses medicamentos afeta uma ou mais fases do ciclo de resposta sexual. Nas últimas décadas as pesquisas avançaram seu conhecimento na relação entre medicação psicotrópica e efeitos colaterais nos ciclos de resposta sexual humana. Muito embora a grande maioria dos trabalhos enfatizem os estudos nos transtornos de depressão, alguma atenção também tem sido dada a portadores de esquizofrenia, principalmente desde a introdução dos antipsicóticos de segunda geração. Os principais mecanismos postulados pelos quais os psicotrópicos causam disfunção sexual são através da ação inespecífica no sistema nervoso central (SNC) como sedação, levando a desinteresse sexual; ação específica em neurotransmissores do

SNC, ocasionando diminuição do desejo, dificuldades na excitação e orgasmo (como o efeito na diminuição da dopamina que media a excitação sexual no hipotálamo); efeitos hormonais, como o aumento na secreção da prolactina secundário ao bloqueio dopaminérgico. A hiperprolactinemia é conhecida como causadora de hipogonadismo e diminuição dos níveis da testosterona, causando diminuição da libido e dificuldade de ereção.

Somam-se a este arsenal de capítulos outros tantos que enfocam as disfunções sexuais masculinas e femininas, a psicoterapia sexual, aspectos da sexualidade de portadores de necessidades especiais, pesquisa em sexualidade, direitos sexuais, incesto, reprodução assistida, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), as mudanças de paradigmas dentro da sexualidade depois do advento da epidemia de HIV/AIDS na década de 1980, assim como a relação da mídia com a sexualidade.

Outro capítulo um tanto quanto polêmico, controverso por estar atrelado a questões morais dentro de diferentes culturas, é o capítulo intitulado “Sexo à venda”, o qual retrata o universo na prostituição feminina e masculina, da pornografia e do consumo de material erótico. Os autores levantam vários questionamentos, entre eles, citam-se: Quais seriam as consequências sociais, os danos individuais para os homens e mulheres jovens e o que eles pensam sobre a associação gênero, sexualidade e pornografia? Afinal, a pornografia é boa ou ruim para todos nós enquanto sociedade e enquanto indivíduos? Mas afinal, qual é a evidência científica disponível atualmente sobre a pornografia e o consumo desta? O fato é que esta questão ainda tem dividido opiniões tanto da sociedade quanto de pesquisadores. Os autores concluem que na mediação entre o “pânico moral” e a glamourização da pornografia devem estar os programas de educação em saúde sexual, incorporados aos conteúdos educacionais, ajudando principalmente os mais jovens na interpretação crítica e responsável de imagens pornográficas ofertadas em nosso meio. Esta

conclusão corrobora para o último capítulo da obra, que enfoca a necessidade de educação sexual e educação para a saúde em uma perspectiva atual de futuro para as juventudes.

Com o advento das novas versões do Manual Classificatório de Doenças Mentais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Associação Americana de Psiquiatria (APA) algumas mudanças serão sugeridas e devem ser incorporada em novas edições desta obra.

Ana Canosa